

18-4-60 O Globo

A CRÔNICA de Rubem Braga

OS FUZILAMENTOS

"SIMPATIZO muito com êsse movimento de Fidel Castro; se não fôssem os fuzilamentos..."

É comum ouvir isso fora de Cuba. Em Cuba, não. A popularidade de Fidel é imensa e profunda; a Revolução proibiu (Lei 174, de 20 de março de 1959) a ereção em lugares públicos de quaisquer monumentos a pessoas vivas, assim como a colocação de retratos em qualquer repartição ou autarquia, ou que se dê o nome de um vivo a qualquer praça ou edifício público, ou seja o que fôr. Isso não impede que milhões de cubanos levem o retrato de Fidel na carteira ou recortem uma revista para tê-lo em sua mesa ou em sua parede. O homem é amado.

Acontece, naturalmente, que, depois de um ano e tanto de Governo revolucionário, muita gente já o ama bastante menos, ou começa a detestá-lo, pois a ação de seu governo contrariou muitos interesses; basta dizer que ele reduziu os aluguéis de casa, e acabou com a especulação de lotes urbanos, obrigando a venda daqueles em que não houver construção dentro de um certo prazo; que taxou quase proibitivamente a importação de carros de luxo, em um país em que o sujeito de certa classe ficaria um tanto humilhado se a estas alturas de abril ainda estivesse usando um Cadillac 1959...

Não é difícil ouvir críticas a Fidel em uma roda de moradores de Miramar ou Country Club, bairros elegantes que deixam longe, em tamanho e riqueza, qualquer Jardim América. Mas não consegui encontrar um só cubano que criticasse os fuzilamentos. Creio que só conseguiria isso se tivesse contato com a família de algum fuzilado.

A revolução condenou à morte e executou cerca de 600 pessoas. O regime Batista matara nunca menos de 20 000. E matara, muitas vezes, com requintes espantosos de crueldade, mandando os olhos da vítima ou alguma parte íntima de seu corpo de presente à família, jogando os cadáveres nos jardins públicos para escarmento. As histórias que se contam documentadamente são de horripilar. Moças católicas acusadas de haver ajudado a esconder um revolucionário eram torturadas e desrespeitadas antes de serem assassinadas. Crianças foram mortas na rua à toa, só para experimentar a pontaria ou para acovardar o povo. Leia-se o livro insuspeito de Ruby Hart Phillips, veterana correspondente do "New York Times" em Havana, para ver o luxo de crueldade dos esbirros de Batista.

Prometendo punir os culpados, e cumprindo em parte sua promessa, Fidel Castro evitou massacres e incêndios que seriam, muitas vezes, superiores aos que houve após a queda de Machado.

É isso que todo cubano diz. Você pode explicar a ele que êsses fuzilamentos tiveram má repercussão no exterior. Ele dirá apenas: "Foram poucos, muito menos do que deviam ter sido". E daí não sai.